

Contribuições dos Estudos Culturais para a construção de um protocolo de pesquisas voltado à produção de sentidos

Contributions of Cultural Studies to the construction of a research protocol directed to the production of meaning

Flavi Ferreira Lisboa Filho

flavi@ufsm.br

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Ciências da Comunicação. Pró-Reitor de Extensão da UFSM.

Resumo

Este texto pretende apresentar um protocolo de pesquisa que tensiona as representações culturais (midiáticas) com base epistemológica nos Estudos Culturais e discutir suas possibilidades teórico-metodológicas no âmbito da produção de sentidos. Como cada investigação trilha um percurso próprio, o protocolo busca dialogar com outras perspectivas teórico-metodológicas para permitir ao pesquisador a tomada de decisão adequada aos objetivos de sua análise. Logo, busca-se apresentar uma visão processual do trabalho científico que evidencie o dinamismo da pesquisa, frisando que cada problema e objeto de análise trazem consigo demandas específicas.

Palavras-chave: Estudos Culturais, comunicação, produção de sentidos, representações culturais, protocolo de pesquisa.

Abstract

This text discusses a research protocol that examines cultural (mediatic) representations using Cultural Studies as its epistemological basis and explores its theoretical-methodological possibilities in the sphere of the production of meaning. As each investigation has a path of its own, the protocol establishes a dialog with other theoretical-methodological perspectives to enable researchers to make decisions that are adequate for the goals of their analysis. Thus, it presents a procedural view of scientific work showing its dynamic character and emphasizes that each problem and object of analysis involves requirements of its own.

Keywords: Cultural Studies, communication, meaning production, cultural representations, research protocol.

1. Introdução

Muitos são os desafios e as decisões que um estudo solicita. Um protocolo de pesquisa é um modo sistematizado de organizar o trabalho demandado do pesquisador na busca pelas respostas à problemática de pesquisa, de modo a contemplar a totalidade requerida pelo esforço investigativo. Portanto, não se trata de uma aplicação simplista, que sirva a todas as análises, mas o protocolo proposto oferece uma visão global da processualidade inerente às pesquisas que almejam fôlego e profundidade às discussões.

Neste sentido, o presente artigo desenvolve uma proposta de protocolo de investigação científica que tem por base a *episteme* dos Estudos Culturais e volta o olhar para as pesquisas acerca da produção de sentidos a partir das representações culturais (midiáticas). Sua finalidade é contribuir para os estudos de comunicação, em especial da ambiência midiática, e da cultura ao considerar os produtos midiáticos como produtos culturais e estender sua viabilidade para artefatos culturais, a exemplo das pesquisas de Du Gay *et al.* (1999) sobre o *walkman*.

Nossa proposição surge das experiências junto ao Grupo de Pesquisas Estudos Culturais e Audiovisualidades,

registrado no CNPq e certificado pela Universidade Federal de Santa Maria, o qual tem congregado trabalhos de iniciação científica, conclusão de curso, dissertações e teses do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, articulando diferentes objetos a uma perspectiva epistemológica comum e à temática das identidades culturais (midiáticas) contemporâneas.

Entendemos que, enquanto protocolo, há margem para que cada autor, no desenvolvimento de sua pesquisa, realize as adaptações necessárias e aproxime procedimentos e técnicas de análise que possam dar conta de responder de modo mais eficiente e eficaz as demandas advindas da problematização construída.

Organizamos o texto em uma sequência que busca orientar o pensamento e a tomada de decisão do investigador sobre o estudo que pretende realizar. Assim, iniciamos pelas etapas preliminares da pesquisa e intentamos demonstrar como o nível interpretativo pode ser alcançado. Por fim, de modo ilustrativo, apresenta-se um diagrama-síntese com a finalidade de reforçar a visão processual da pesquisa.

2. Etapa preliminar e de construção da pesquisa

Partimos do pressuposto de que a experiência é mediada pela cultura (midiática). Entendemos o conceito de mediação como fundamental para a valoração das experiências dos sujeitos, sendo um processo que aciona elementos de diversas ordens e que configura a produção e a interpretação dos sentidos a partir de trocas e compartilhamentos.

A mediação deixa de ser tratada como reflexo do mundo vivido, como já apontava Williams (1979), e passa a ser ressignificada a partir de um sentido próprio atribuído à cultura e à mídia. Contribuem para o entendimento da mediação autores como Martín-Barbero (1987 e 2002), Orózcó Gómez (1997) e Lopes (2018).

Ao pressuposto inicial agregamos as motivações de cada pesquisador, sejam elas de ordem pessoal, em razão do que cada tema¹ provoca no indivíduo, de caráter social ou até mesmo mercadológica, mas que, de algum modo, auxiliam na justificativa da investigação, discorrendo sobre sua importância, relevância ou ineditismo.

Das motivações emergem inquietações e propósitos. Mediante um esforço deliberado de aproximação com o objeto e da realização do primeiro movimento investigativo, chamado de pesquisa da pesquisa, com a finalidade de elaborar o estado da arte, somado às inquietações do pesquisador, será construído um problema de pesquisa,

¹ Consideramos que, neste momento, o investigador já tenha definido seu tema de pesquisa, mesmo que não o tenha delimitado ainda.

sintetizando, em uma pergunta, a questão que será respondida durante o processo investigativo.

De antemão, afirmamos que a problematização aqui proposta será construída a partir da centralidade requerida pelo conceito de representação, para o qual nos valemos de autores como Hall (2016, p. 31), ao inferir que

Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma mesma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. Entretanto, esse é um processo longe de ser simples e direto [...].

Para Freire Filho (2005, p. 20),

A análise crítica [...] da representação distorcida de identidades sociais (classes, gêneros, orientações sexuais, raças, etnias, nacionalidades) se consolidou, desde a década de 1960, como um dos temas centrais da agenda dos estudos culturais e midiáticos. Tal inclinação teórica se harmoniza com a pauta de reivindicações dos novos movimentos sociais, notabilizados por uma preocupação profunda com a questão da identidade – o que ela significa, como é produzida e questionada.

Quanto ao estado da arte, podemos apresentá-lo em duas abordagens distintas. Uma delas recorre aos bancos de dados de instituições reconhecidas, como o Catálogo de Dissertações e Teses Capes, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, o Portal de Periódicos da Capes, complementados por bancos de cada área; no caso da comunicação, podemos citar os Anais da Compós² e o Portal da Intercom³. Também é válido e oportuno visualizar dentro do Programa em que se está inserido, especialmente no Grupo de Pesquisa a que se está vinculado, quais as produções já consolidadas que podem aportar para a nova proposta de estudo.

A outra via é pela pesquisa bibliométrica⁴. Ela ajudará a encorpar a justificativa, pois aponta para o que se tem

² Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação.

³ Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

⁴ Trata-se de uma análise quantitativa, referente à pesquisa que será desenvolvida, em bases de indexadores, que fornecem dados estatísticos que apontam onde o tema está sendo estudado, quem são os pesquisadores principais, qual período, entre outros, a partir de uma busca por palavras-chave definidas para cada trabalho. Cabe ressaltar que este texto não pretende fazer uma discussão entre pesquisa quali e/ou quantitativa. Mesmo assim, o protocolo proposto vincula-se à perspectiva de uma investigação de caráter qualitativo, pois seu foco está em compreender os significados das representações culturais (midiáticas) no âmbito da produção de sentidos, mesmo que alguns dados numéricos e estatísticos possam ser trazidos para elucidar determinados contextos.

produzido sobre a temática através de dados estatísticos obtidos a partir de consultas a bases de indexadores como *Scielo*, *Web of Science*, *Doaj* e *Scopus*, preferencialmente, no idioma em que se escreve e também em inglês. O grande desafio passa a ser encontrar uma forma de compilar todas as informações ao longo do texto, de modo a torná-lo mais sólido, fluido e também atrativo. Em alguns casos, a construção de infográficos ou imagens ilustrativas pode ser pertinente, tornando a leitura menos maçante.

Já os propósitos dizem respeito à finalidade da pesquisa, para que ou para quem ela contribui. São chamados de objetivos e, geralmente, estarão dispostos em um objetivo geral, que faz uma síntese do que se propõe com a realização da investigação, acompanhado de três a cinco objetivos específicos, elaborados a partir do geral. Via de regra, são escritos com verbo no infinitivo. Sugere-se o uso do verbo “analisar” para o objetivo geral, em razão da complexidade requerida para a realização de uma análise e da própria carga semântica do termo, e outros como “identificar”, “catalogar”, “verificar” e “averiguar” para os objetivos específicos.

A construção de uma hipótese de pesquisa, especialmente para teses de doutoramento, também pode auxiliar na (re)elaboração do problema, razão pela qual a incluímos no protocolo apresentado. A hipótese remete a um possível resultado que se encontrará após percorrer todas as etapas de uma pesquisa. Nesse sentido, a tentativa de escrevê-la já torna válido o esforço, pois assim podemos aferir se o problema está forte e complexo o suficiente e até redirecionar os rumos que a pesquisa poderá ter. A formulação de uma hipótese conecta-se ao raciocínio que baliza a pesquisa. Neste caso, associamo-nos ao dedutivo, que segue a lógica de: concepção do problema, proposição da hipótese e sua verificação, a partir da adoção de procedimentos metodológicos para obter resultados e desvelar os enunciados que respondam à problemática proposta. Mas atenção: a criação de uma hipótese só é viável quando se tem “[...] um bom conhecimento tanto do *objeto* de estudos quanto do *referencial teórico* de uma Área” (Martino, 2018, p. 63).

Cabe dizer que aquilo que denominamos como “etapa inicial”⁵ é um estágio completamente preditivo da pesquisa, ou seja, é um planejamento, um guia que conduzirá o processo até o alcance dos resultados finais. Logo, a tomada de decisão durante o trabalho vai, muitas vezes, redimensionando o projeto inicial.

3. Etapa de apropriação epistemológica

Para ser considerado forte e ter a cientificidade necessária, um trabalho de pesquisa precisa estar amparado por uma base teórica e fundamentos metodológicos⁶ que lhe permitam realizar o esforço investigativo com segurança. No nosso caso, optamos pela epistemologia dos Estudos Culturais. Sua forma de compreender a cultura e os avanços advindos dessa perspectiva dotam os estudos de comunicação e de cultura de um alicerce coeso e coerente para analisar as representações culturais (midiáticas). São muitos os autores que podem contribuir para tanto, mas, indubitavelmente, Raymond Williams (1979, 2003 e 2007) e Stuart Hall (1997, 2000, 2003 e 2016) deixaram um legado que dá sustentação à área e permitem uma apropriação compatível com o que se espera de uma pesquisa científica responsável. Ressalva-se que muitos são os que contribuíram e contribuem para os Estudos Culturais; contudo, nossa experiência com os autores supracitados faz com que sejam acionados para esse texto.

Dependendo da temática abordada, por exemplo, “gênero”, podemos fazer um recorte nas investigações do Centro de Estudos Culturais da Universidade de Birmingham desenvolvidas durante a década de 1970, que ficaram conhecidas como os “Estudos de Gênero”, ou ainda, quando for o caso, atualizar a discussão para o contexto latino-americano, trazendo autores como Ana Carolina Escosteguy (2007, 2010 e 2019), Guacira Louro (1997) e María Lugones (2014).

Para ter uma dimensão panorâmica das principais fases e paradigmas dos Estudos Culturais, valemo-nos de Coiro-Moraes (2011), que fez um esforço para compilar as informações, conforme o Quadro 1.

5 Trata-se de uma construção e reunião de informações robustas da etapa inicial; normalmente, pode-se desdobrar no capítulo introdutório da versão final dos textos e relatórios de pesquisa.

6 A metodologia inclui o estudo de métodos, técnicas, estratégias, procedimentos e instrumentos que o pesquisador utiliza para alcançar os objetivos de seu trabalho e encontrar a resposta para seu problema de pesquisa.

Quadro 1 – Fases e paradigmas dos Estudos Culturais

FASES E PARADIGMAS DOS ESTUDOS CULTURAIS		
FASES (décadas) NOMES	OBJETOS TEMAS	PERSPECTIVAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS
Fase fundacional (1950/1960) Williams, Hoggart e Thompson	Questões políticas/ideologia/hegemonia; consumo cultural da classe operária.	Concepção de cultura inclui modos e práticas cotidianas (A cultura é ordinária) Teoria social crítica; materialismo cultural.
Fase de consolidação (1970) CCCS: Stuart Hall, Richard Johnson, Angela McRobbie	Poder dos textos sobre os receptores; estudos de gênero, raça; do pós-colonial.	Perspectiva feminista: o pessoal é político. Estudos antropológicos; análises semióticas; discursivas.
Fase da internacionalização (1980) Ien Ang, Martín-Barbero, Canclini	Recepção, relação produtos midiáticos (com ênfase no ficcional) e audiências; audiovisualidades.	Mediações; hibridismo cultural. Perspectivas antropológicas e sociológicas. Etnografias, pesquisas de recepção.
Fase de institucionalização (1990) Ann Gray, Douglas Kellner	Recepção (observação de grupos/uso cotidiano dos meios); identidades (global, nacional, regional); papel da mídia nos contextos culturais. Cultura pop como prática simbólica.	Crítica diagnóstica. Etnografias, pesquisas de recepção, grupos focais, observação-participante.
Fase de questionamentos (2000)	Mídias digitais e sociais; accountability midiático, questões ambientais, midiatização da ciência.	Oscilação entre teorias semióticas e teoria social crítica.

Fonte: Adaptado de Coiro-Moraes (2011).

Outros exemplos de autores que se articulam, vinculam ou dialogam com os Estudos Culturais que podem ser demandados são: Jesus Martín-Barbero (1987 e 2002), Néstor García Canclini (2010), Guillermo Orozco-Gómez (1997), Richard Johnson (2006), Boaventura de Sousa Santos (2009), Douglas Kellner (2001), Manuel Castells (1998), Roger Silverstone (2011), Denys Cuhe (2002), Kathryn Woodward (2000), Maria Elisa Cevasco (2001 e 2003), entre outros.

Entendemos que cada pesquisa deve ser encarada como um percurso próprio (Bonin, 2006), um caminho

trilhado pelo pesquisador, algo que torna o trabalho único, mas, ao mesmo tempo, dotado do rigor que a ciência requer.

Para fortalecer o esforço de pensar as contribuições dos Estudos Culturais para a construção de um protocolo de pesquisas voltado à produção de sentidos, ancoramo-nos em Raymond Williams (1979, 2003) e seu contributo para propor o materialismo cultural como método de análise da cultura.

Quanto ao materialismo cultural, devemos ter em conta que os Estudos Culturais nascem como projeto

teórico-político, trazendo no seu bojo uma crítica contundente à cultura como distinção social, exemplificada com a dicotomia “cultura da casa de chá” x cultura ordinária, referindo-se à cultura vigente na Inglaterra do pós-guerra. No seu pressuposto, aponta para a importância de fomentar a capacidade de abstração e subjetivação para a formação do pensamento a fim de evitar que a cultura sirva para a reprodução da desigualdade social sob o rótulo de “herança da humanidade” ou “repositório de valores espirituais”.

Para Cevasco (2003, p. 148), o materialismo cultural cumpre o propósito de “[...] definir a unidade qualitativa do processo sócio-histórico contemporâneo e especificar como o político e o econômico podem e devem ser vistos nesse processo”. É inviável cindir temas da cultura de uma análise contextual da política, da economia e do social.

Já a análise da cultura busca compreender como se dão as inter-relações de processos, padrões vividos e experimentados como um todo em um determinado contexto. Nesse sentido, pretendemos explorar os diversos elementos que compõem o produto cultural (midiático), investigando sua inserção na sociedade, reflexões e repercussões, por meio das identidades e suas representações. Nossa agenda de investigação, junto ao Grupo de Pesquisa, tem problematizado a construção/desconstrução/atualização das representações identitárias a partir da cultura (midiática).

Ainda, ela trata a análise da cultura como sistema de significação que aciona e é acionado por diferentes atores e articulações, ou seja, “[...] não considera os produtos da cultura ‘objetos’ e sim práticas sociais” (Cevasco, 2003, p. 160), pois “[...] tudo isso existe não apenas como instituições, obras, e sistema, mas necessariamente como práticas e pensamentos” (p. 208).

Para Cevasco (2003, p. 115), a linguagem e a comunicação possuem papel central enquanto “[...] forças sociais formadoras, em interação complexa com instituições, formas, relações sociais e tradições”, especialmente pela sua capacidade de “[...] formalizar os conflitos de significados e valores, as contradições entre o vivido e o articulado, o almejado e o impossibilitado” (p. 159).

Desse modo, é premente estudar a cultura como produção material, no nosso caso pelo viés da produção midiática, pois reconhecemos nela um espaço relevante de lutas ideológicas e disputas de sentido. Dessa forma, a cultura midiática constrói, desconstrói, atualiza, impõe e quiçá negocia identidades e representações. Interessa-nos essa discussão porque defendemos a autonomia dos sujeitos e sua emancipação. O desafio que se coloca é o de realizar uma análise da cultura, dando conta da totalidade social.

Raymond Williams (2003), para uma melhor compreensão das manifestações culturais, propõe uma classificação a partir de três definições de cultura, que coexistem, para dar conta da totalidade, conforme segue:

- ideal: a cultura é um processo de perfeição humana;
- documental: registros do pensamento e da experiência intelectual do ser humano, presentes na literatura, na poesia, na arquitetura, na moda, nos produtos midiáticos, etc.;
- social: descreve a maneira de viver da sociedade, por meio das instituições características e comportamentos específicos de grupos, suas instituições, estruturas e padrões.

Para Williams (2003, p. 53),

Una definición “ideal” que intente abstraer el proceso descrito por ella de su encarnación en sociedades específicas que le dan forma – y considere el desarrollo ideal del hombre como algo separado de su “naturaleza animal” o la satisfacción de las necesidades materiales, e incluso opuesto a ellas – me parece inaceptable. Una definición “documental” que sólo dé valor a los registros escritos y pintados, y separe este ámbito del resto de la vida del hombre en sociedad, es igualmente inaceptable. Por último, una definición “social” que aborde el proceso general o el conjunto del arte y el aprendizaje como un mero subproducto, un reflejo pasivo de los verdaderos intereses de la sociedad, también me parece errónea [...] debemos tratar de ver el proceso como un todo y relacionar nuestros estudios específicos – si no explícitamente, sí al menos a través de una referencia última – con la organización real y compleja.

Ao complexificar o entendimento de cultura a partir das três dimensões supracitadas, Williams (2003) também estabelece três níveis distintos: a) cultura vivida, que se refere a um período histórico e espacial, acessível a quem vive nele; b) cultura registrada, que fica documentada na arte, nas instituições, no cotidiano; e c) cultura da tradição seletiva, que, relacionada às anteriores, seleciona aspectos da cultura que serão incorporados ao imaginário do grupo, da população, daquele povo. Em razão disso, ainda reforça que devemos considerar o processo de análise da cultura com um todo, articulado a um modo de vida, padrões, formações, instituições, etc. Para concluir essa subseção, podemos afirmar que a análise cultural proposta por Williams (2003) se ampara no materialismo cultural, cuja raiz está no materialismo dialético marxista, tanto que sua proposta de Teoria Cultural é construída com base em conceitos de infraestrutura, superestrutura, forças produtivas, etc., cotejadas ao processo cultural.

4. Etapa analítica

Para esta etapa organizamos três fases distintas de análise: 1) cultura vivida; 2) cultura registrada; e 3) interpretativa. Cada uma delas pode ser associada a um nível específico de profundidade que podemos obter.

A primeira fase equipara-se à pesquisa de caráter exploratório, pois nela acionamos elementos que nos auxiliam na contextualização do objeto e na análise da cultura vivida. *Grosso modo*, sempre se faz necessária uma recuperação histórica da temática ou do conceito que estamos trabalhando, além de reunir dados sociais, econômicos, culturais, políticas públicas e de governo, que nos ajudam a entender o contexto e explorar a dimensão política que o objeto de pesquisa demanda. Também é necessário compilar informações a respeito do contexto de produção, inclusive normas, rotinas e lógicas de trabalho, que nos permitam situar o objeto, bem como informações sobre regulação e consumo⁷. Essa fase ancora a pesquisa e situa o objeto. Ressalvamos que, na análise cultural (midiática), é necessário considerar o contexto do período relativo ao objeto, ou seja, do período vivido e de seu entorno espacial.

A segunda fase, de caráter descritivo, está pautada pela análise da cultura registrada e poderá demandar um arranjo metodológico diferenciado que traga para a análise outros autores, procedimentos e técnicas que permitirão olhar para o *corpus* do objeto, sejam produtos midiáticos ou artefatos culturais, e depreender dele os dados necessários para responder à problemática proposta na etapa inicial. Sugere-se a análise textual (Casetti e Chio, 1999), a análise de conteúdo (Bardin, 2002) e, com as devidas apropriações, a análise de discurso (Foucault, 1999 e 2012; Bakhtin, 2005; Orlandi, 2002; e Benetti, 2007)⁸. Ainda é possível realizar combinações com técnicas, como algumas das propostas por Martino (2018): entrevistas (estruturada, semiestruturada), questionário, observação (participante, não participante), grupo focal, documentos, histórias de vida, além de outras, a exemplo de gravação, decupagem (roteiro) e edição, e elaboração de mapas de edição.

A terceira fase, chamada interpretativa, deve alcançar o nível homônimo, *a priori*, um grande esforço para estudantes de mestrado e doutorado, que, não raras vezes, escrevem na conclusão os esforços interpretativos

vinculados à pesquisa. Para dar um direcionamento, propomos que o tensionamento entre as fases 1 e 2, análise da cultura vivida e análise da cultura registrada, respectivamente, possa ser cotejado por elementos constituintes da Teoria Cultural, proposta por Williams (1979), que deem margem à construção interpretativa da pesquisa. Nesse sentido, os conceitos basilares da Teoria Cultural que podem ser trazidos nessa fase são, principalmente, hegemonia, tipificação, tradições e estrutura de sentimento. Mesmo assim, é relevante dizer que há sempre um risco de tratá-los em separado, simplificando o sistema proposto pelo autor. Consequentemente, não podemos transformá-los em objetos em si; afinal, eles existem correlacionados. Por isso, devemos ter ciência de que percorreremos um largo caminho de pesquisa que, em suas distintas fases, nos permitirá alcançar o nível de profundidade desejado, tendo em conta o estado das forças produtivas, as condições econômicas, o regime sociopolítico, as várias ideologias e a própria psique do homem social (Williams, 1979).

Quanto à hegemonia, seu conceito remete a um sistema de significados e valores. Inicialmente, foi compreendido como poder ou domínio político, em uma relação que se estabelecia entre o Estado e as classes sociais. Para Gramsci (2002), trata-se de uma complexa relação de forças políticas, sociais e culturais, sendo um tipo particular de dominação em que uma classe a detém mediante a produção de uma ideologia que organiza a ordem social vigente. Quanto mais difundida a ideologia, mais sólida será a hegemonia.

A hegemonia, para Williams (1979, p. 113), é todo

[...] um conjunto de práticas e expectativas sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema de significado e valores – constitutivo e constituído.

Williams (1979) nos convoca a pensar que, embora dominante, a hegemonia jamais será total ou única, pois, para ser hegemônica, encontrará, necessariamente, resistência, de modo contra-hegemônico ou contracultural ou simplesmente alternativo, pois a sociedade é plural.

No que diz respeito à tipificação, para Williams (1979), trata-se de um conceito que busca ir além daquilo que está posto na superfície do tecido social, de sua borda ou subjacente a ele. Propõe uma conexão com a realidade social e seu dinamismo processual, que envolve as representações construídas e a organização dos sentidos relacionados. Um “[...] ‘típico’ é o caráter ou situação plenamente característico ou representativo: a figura específica da qual podemos extrapolar [...]” (Williams, 1979, p. 104). Aqui nos interessa o tipo que possa ser tensionado

⁷ Embora se trate de um protocolo investigativo pela perspectiva da produção de sentido, é importante trazer informações sobre consumo e dados de audiência ao trabalho para contextualizar o objeto. Mas eles são insuficientes para situar o estudo como de recepção.

⁸ Cabe dizer que as análises citadas também podem ser encaradas como perspectivas próprias para a realização de uma pesquisa. Assim, a forma como o arranjo metodológico será construído deve resguardar a complexidade que lhe é solicitada.

por ser representativo de uma classificação expressiva, indicativa, reveladora e, talvez, sintomática daquilo que o problema de pesquisa nos solicita.

No que tange à tradição, podemos dizer que ela é a expressão das lutas travadas em seu tempo, pois sua definição carrega o que de mais poderoso foi incorporado à cultura vigente, em uma disputa que seleciona os significados que serão mantidos e reconhecidos pelos grupos como parte de sua trajetória. Ainda, “[...] o sentido hegemônico na tradição é sempre o mais ativo: um processo deliberadamente seletivo que oferece uma ratificação histórica e cultural de uma ordem contemporânea” (Williams, 1979, p. 119).

Quanto à estrutura de sentimento, por si só, já se constitui em uma expressão paradoxal, pois tensiona dureza/rigidez x abstrato/subjetivo. A provocação é válida ao considerarmos que seu processo formativo se define pela consciência entre o articulado e o vivido. Assim, cada geração tem a sua própria estrutura de sentimento. Para Williams (1979, p. 157), “[...] é fundamental para um analista de cultura estar interessado não só em formas estruturadas e consagradas, mas especialmente na emergência do novo, do que pode articular mudança na cultura e na sociedade, no significante e no referente”.

A estrutura de sentimento se ancora em três aspectos: residual, dominante e emergente. O residual mantém elementos que foram vigentes no passado, mas que ainda exercem impacto no cotidiano cultural presente. Isso significa que o que já fez parte de uma hegemonia em outro período não desaparece por completo, mas permanece, de modo residual, incitando pensamentos e ações no tempo presente. O dominante reitera a força hegemônica do período presente, impondo-se nas disputas de sentido e lutas ideológicas. O emergente surge como uma nova via, isto é, como possibilidades de novos significados que

podem se opor ao dominante, mas ainda não tem força suficiente na disputa simbólica de sentidos para se firmar como dominante.

A fase interpretativa é a mais difícil de ser alcançada, mas os tensionadores analíticos aqui apresentados, mesmo que de modo superficial, podem auxiliar nessa busca, contribuindo para os resultados finais da pesquisa.

5. Etapa final

Ao fim do relatório de pesquisa, da iniciação científica ao pós-doutorado, elaboramos a conclusão do estudo, tecendo as considerações finais. Nessa seção, retomamos os objetivos e demonstramos como os alcançamos, indicamos as limitações que surgiram, além de rejeitar ou aceitar a hipótese proposta. Também podemos discorrer sobre aprendizagens e/ou fazer recomendações e inferências, além de apontar para novas perspectivas que emergem e seus possíveis desdobramentos.

Cabe frisar que não tratamos neste texto de uma proposição que seja absoluta ou inflexível; pelo contrário, enquanto proposta de protocolo de pesquisa buscamos trazer à baila processualidades inerentes à investigação para que pesquisadores iniciantes possam encontrar uma orientação a partir de uma visão mais panorâmica daquilo que a atividade de pesquisa nos solicita, e pesquisadores que têm sua trajetória mais amadurecida possam se apropriar do que considerarem pertinente para seus esforços investigativos a fim de contribuir com a edificação e condução dos trabalhos científicos, particularmente no campo da comunicação.

Com base no exposto ao longo do artigo, apresentamos uma figura, de caráter ilustrativo, que sintetiza a visão processual da pesquisa descrita até o momento.

Figura 1 – Visão processual da pesquisa



Fonte: Autoria própria.

6. Considerações

Este texto não tem a pretensão de ser conclusivo acerca do tema, mas de auxiliar o pesquisador, em especial aquele que inicia seu percurso investigativo, a compreender a pesquisa de modo processual. Ainda que o projeto de pesquisa seja bem elaborado e detalhado, ele contribui como uma forma de planejamento, o que significa que, durante a sua execução, novas decisões poderão ser tomadas, influenciando os rumos a serem percorridos. Nessa perspectiva, é fundamental saber os motivos, as razões e os critérios que balizaram cada decisão e procurar mensurar seu impacto nos resultados obtidos. A partir do entendimento de que a pesquisa é sempre dinâmica,

o protocolo aqui apresentado busca muito mais inspirar novos pensamentos e possibilidades de análise do que reproduzir modelos.

Oferecemos aos(as) leitores(as) a nossa interpretação de como os Estudos Culturais podem servir às pesquisas do campo da comunicação, na esfera da produção dos sentidos, com base na caminhada que temos desenvolvido junto ao Grupo de Pesquisa, na orientação de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado, a partir da articulação dos conceitos basilares que circundam a *episteme* dos Estudos Culturais e, assim como o acionamento de tensionadores analíticos, que se prestam ao desenvolvimento e edificação de nossas pesquisas.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. 2005. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, Martins Fontes.
- BARDIN, Laurence. 2002. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70.
- BENETTI, Marcia. 2007. Análise do discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: Marcia BENETTI; Cláudia LAGO (org.), *Metodologia de pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis, Vozes, p. 107-122.
- BONIN, Jiani Adriana. 2006. Nos bastidores da pesquisa: a instância metodológica experienciada nos fazeres e nas processualidades de construção de um projeto. In: Alberto Efendy MALDONADO et al., *Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre, Sulina, p. 21-40.
- CANCLINI, Néstor García. 2010. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 8ª ed. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- CASSETTI, Francesco; CHIO, Frederico di. 1999. *Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación*. Barcelona, Paidós.
- CASTELLS, Manuel. 1998. *O poder da identidade*. São Paulo, Paz e Terra.
- CEVASCO, Maria E. 2003. *Dez lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo, Boitempo.
- CEVASCO, Maria E. 2001. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo, Paz e Terra.
- COIRO-MORAES, A.L. 2011. Epistemologia dos Estudos Culturais: da dialética ao materialismo cultural. In: *Anais eletrônicos do XX Encontro da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação*. Porto Alegre, jun. 2011. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1146.pdf. Acesso em: 7 out. 2015.
- CUCHE, Denys. 2002. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru, Edusc.
- DU GAY, Paul; HALL, Stuart; JANES, Linda; MACKAY, Hugh; NEGUS, Keith. 1999. *Doing cultural studies: The story of Sony walkman*. London, Sage.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. 2010 [2001]. *Cartografia dos Estudos Culturais*. Belo Horizonte, Autêntica.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. 2007. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, 4(11):115-135, nov.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. 2019. Mídia e questões de gênero no Brasil: pesquisa, categorias e feminismos. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação, Gêneros e Sexualidades do XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 11 a 14 de junho de 2019.
- FOUCAULT, Michel. 1999. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo, Martins Fontes.
- FOUCAULT, Michel. 2012. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Edições Loyola.
- FREIRE FILHO, João. 2005. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, 28:18-29.
- GRAMSCI, Antonio. 2002. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- HALL, Stuart. 1997. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, 22(2):15-46, jul./dez.
- HALL, Stuart. 2000. Quem precisa da identidade? In: Tomaz Tadeu da SILVA (org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ, Vozes, p. 7-72.
- HALL, Stuart. 2003. *Da diáspora: as identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, EdUFMG.
- HALL, Stuart. 2016. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio.
- JOHNSON, Richard. 2006. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: Tomaz Tadeu da SILVA (org.), *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte, Autêntica, p. 7-131.
- KELLNER, Douglas. 2001. *A cultura da mídia*. Bauru, SP, EDUSC.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. 2018. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. *Revista Intexto*, Porto Alegre, UFRGS, 43:14-23, set./dez.
- LOURO, Guacira Lopes. 1997. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, Vozes.
- LUGONES, María. 2014. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3):935-952.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. 1987. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, EdUFRJ.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. 2002. *Ofício de cartógrafo: travessias latinoamericanas de la comunicación en la cultura*. México, Fondo de Cultura Económica.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. 2018. *Métodos de pesquisa em comunicação: projetos, ideias, práticas*. Petrópolis, RJ, Vozes.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. 2002. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 4ª ed. Campinas, Pontes.
- ORÓZCO-GÓMEZ, G. 1997. Medios, audiencias y mediaciones. *Comunicar*, 8:25-30.
- SILVERSTONE, Roger. 2011. *Por que estudar a mídia?* São Paulo, Loyola.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. 2009. Direitos humanos e o desafio da interculturalidade. *Revista Direitos Humanos*, 2:10-18, jun.
- STEFFEN, Lauren; HENRIQUES, Mariana; LISBOA FILHO, Flavi Ferreira. 2018. Análise cultural-midiática como protocolo teórico-metodológico de pesquisas em comunicação. In: *Anais. XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais*, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018. p. 1-25.
- WILLIAMS, Raymond. 1979. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar.
- WILLIAMS, Raymond. 2003. *La larga revolución*. Buenos Aires, Nueva Visión.
- WILLIAMS, Raymond. 2007 [1983]. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo, Boitempo.
- WOODWARD, K. 2000. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu da SILVA (org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ, Vozes. p. 7-22.

Artigo submetido em 22-10-2019

Aceito em 25-01-2021